

## A lógica do laço social: o que está em jogo em uma fratria?

Cláudia Braga de Andrade UFOP/ICHS

Resumo: O trabalho tem como objetivo discutir as transformações na construção de laços sociais na juventude, tendo como objeto de estudo as formas de sociabilização entre grupos de jovens moradores de repúblicas estudantis. A estrutura, organização e dinâmica deste grupo apontam uma singularidade na formação de laços sociais evidenciados por uma série de rituais e de símbolos identitários que são analisados sob a perspectiva da função da fraternidade na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Juventude, laços sociais, fraternidade, contemporaneidade

Propomos uma reflexão sobre as transformações na construção de laços sociais na juventude tendo como objeto de estudo os grupos de moradores de repúblicas federais estudantis da cidade de Ouro Preto. Trata-se de um dispositivo que oferece uma composição específica, uma vez que dispõe de autonomia administrativa em relação à Universidade, ao mesmo tempo em que seu sentido e função social estão estreitamente vinculados ao estatuto de estudante universitário. Tal caso paradigmático fornece indicações de uma formação ‘espontânea’ de um grupo social de jovens que estão submetidos a uma estrutura, organização e dinâmica do grupo bastante singular com prática de rituais e o uso símbolos identitários. O trabalho apresenta uma análise sobre a relação entre os sujeitos na cultura, destacando a especificidade da construção de laços sociais no público juvenil, examinando a função da fraternidade no âmbito da reestruturação da figura do jovem na sociedade contemporânea.

Refletir sobre as formações de laços sociais em grupos de jovens nos exige uma atenção na transformação do papel do jovem na sociedade atual que vem afetando diretamente as formas de subjetivação e sociabilização (Birman, 2012; Kehl, 2011). Podemos destacar profundas mudanças na experiência da temporalidade, como a perda de noção linear do tempo e a ruptura da noção de tempo e espaço aparecem como reflexo na dinâmica imposta pela lógica do mercado de trabalho que afetam diretamente a questão da existência social do sujeito e afeta, sobretudo, a juventude na atualidade. Na instabilidade do mundo contemporâneo, o sujeito não consegue obter através do discurso e dos laços sociais o reconhecimento simbólico, deixando-o, portanto, numa posição de desamparo. Nesta dinâmica se produz um esvaziamento dos processos de simbolização, marcado pela incerteza em que não se torna possível traçar de maneira segura as relações entre presente e futuro. Neste contexto, a experiência da temporalidade inscrita no registro econômico, político, social e simbólico caracterizam a precária condição da juventude (Birman, 2012).

No espaço social da família e do trabalho, a instabilidade e a precariedade se tornam marcas das relações, uma vez que não mais se constituem como uma fonte de segurança e estabilidade perdendo, desta forma, sua eficácia normativa. Sennett (1999) aponta para as mudanças nas formas de subjetivação decorrentes do mercado. Os sujeitos afetados pela competição crescente por empregos inseguros começaram a adaptar suas condutas psicológicas ao perfil social do ‘vencedor’. O vencedor deve ser maleável, criativo, afirmativo e, sobretudo, superficial nos contatos pessoais e indiferente a projetos de vida duradouros. Desta forma, são

renegados os laços sólidos e estáveis, tais como família e tradições culturais. Sennett define esta nova identidade como a do sujeito ‘desenraizado’ é o sujeito que não se fixa em identidades passadas, que vê o mundo como um espaço de circulação permanente e que jamais projeta o futuro a partir das condições de vida presente. Neste cenário podemos apontar uma nova estruturação do laço social que vem reorganizando por completo a nossa vida coletiva. Uma expressão desta mudança se reflete na crise das instituições modernas, uma vez que as instituições deixam de funcionar como uma referencia normatizadora e colocam em questão a posição da autoridade e o reconhecimento do outro. Costa (2004) compreende que nesta organização aparece uma fragilização da relação com a autoridade que não mais se relaciona às instituições com poder político, econômico e social e, passa a se configurar um poder sem autoridade, sem reconhecimento moral.

No campo da psicanálise, a crise das instituições modernas e da autoridade é analisada a partir da hipótese do declínio da função paterna que passa a não operar como referencial simbólico estável e fundante da Lei e coloca em questão a organização da sociedade garantida pelos laços fraternais, tal como Freud define a marca da modernidade. Antes de nos interrogarmos como esta nova configuração social de laços sociais mais fluidos e instáveis reflete na constituição da sociedade dita fraterna e, especialmente, em laços sociais em grupo de jovens, retomaremos, de forma breve, a noção de sociedade fraterna descrita por Freud.

Em “Totem Tabu”, através do mito do assassinato do pai da horda primeva, Freud apresenta o mito fundador da civilização e a constituição da sociedade através da noção de fraternidade. “Foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião” (Freud, 1913:159). O limite imposto ao pai soberano temido e invejado produz um pacto coletivo colocando todos os irmãos em uma posição de igualdade. A própria emergência da sociedade moderna implica no igualitarismo entre os agentes sociais que foram concebidos a partir da figura do irmão. “A fraternidade implica, pois, a igualdade dos agentes sociais, representada pelo valor idêntico e permutável entre as figuras dos irmãos” (Birman, 2000:199). Isto significa uma diferença fundamental em relação às sociedades pré-modernas que existiam hierarquias diversas e se fazia presente a figura da instancia absoluta e transcendente para regular os laços sociais. Nesta organização a fraternidade não se identificava como um laço social.

A sociedade fraterna, concebida por Freud, tem como pressuposto a castração simbólica de todos seus membros, o reconhecimento de todos da sua precariedade. A morte do pai executada pelos filhos funda uma nova horda na qual se instaura a sociedade fraterna organizada em torno da legitimação da Lei e da função paterna. O vínculo social entre os irmãos se constitui com base na identificação, na qual funda o pacto simbólico “o pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo” (1913:171). Na fraternidade, a inveja, o ciúme e agressividade fazem parte da base afetiva. O laço social está atrelado a renúncia à satisfação pulsional, como condição para pertencer à coletividade. A renúncia coletiva ao lugar de pleno poder (do pai) e a necessidade de controlar a rivalidade fraterna permite a organização do sentido de justiça.

Freud (1913) ressalta que as funções paterna e fraterna são fundamentais à constituição subjetiva operada na trama social. A fraternidade vai funcionar como o espaço ético para a formação de laços sociais. A Lei passa a ser incorporada por uma marca introjetada que se efetiva através de representantes transitórios na organização social. Cada um, entre os irmãos passa a se apropriar do que foi herdado do pai. Neste sentido, podemos pensar que a função fraterna pode fazer suplência à função paterna, na medida em que possibilita separar a lei da autoridade do pai real. A relação entre o grupo de ‘irmãos’ passa a funcionar como uma garantia de reconhecimento de traços identificatórios. Se por um lado a fratria produz a orfandade simbólica dos seus membros, também lhes fornece algum amparo, alguma pertinência extrafamiliar (Kehl, 2000).

### *A fratria republicana*

Encontramos na formação de grupo nas republicas estudantis na cidade de Ouro Preto/Minas Gerais uma forma muito singular de formação de grupo que conferem um campo profícuo de estudo sobre a formação de grupo de jovens na atualidade. Enquanto reforçamos a ideia de que na sociedade atual aparece um afrouxamento dos laços sociais estáveis e que as experiências ligadas à ideia de tempo como tradição estariam sofrendo uma espécie de esgarçamento, encontramos nos espaços da republicas uma organização e dinâmica do grupo composta por uma série de rituais e de símbolos identitários que fortalecem justamente valores como a hierarquia e a tradição.

Uma das características centrais desta organização são os princípios de autogestão, autonomia e cooperação. Atualmente existem cinquenta e oito Repúblicas Federais espalhadas

pela cidade de Ouro Preto com capacidade de acolher cerca de 800 estudantes, diversificando-se em número de acomodação. Ainda que existam moradias mistas, estas repúblicas constituem-se em grande parte, por sujeitos do mesmo gênero. Diferenciando-se das demais moradias estudantis oferecidas – alojamento, apartamento e repúblicas particulares - estas se nomeiam como um ‘grupo social’ que mantém uma autonomia de gestão administrativa em relação à universidade e pretendem funcionar como uma formação educacional informal e paralela ao ensino universitário. Nas repúblicas, em questão, o critério de seleção não está atrelado à condição financeira ou social do candidato, mas a possibilidade de trocas de capitais culturais e sociais. A escolha de um novo morador segue os critérios subjetivos de traços identificatórios ao grupo.

A formação deste grupo se organiza sob uma estrutura hierárquica e circular, em que os postos são reordenados com o tempo. A saída de um morador (por ocasião da conclusão do curso) significa um novo nome no comando hierárquico e um novo “bixo” na república. A base de organização deste grupo é a hierarquia, compreendida como um valor em si pedagógico. Ainda que existam particularidades, pensando em uma pirâmide hierárquica, teríamos o seguinte formato; na sua base os bixos, em seguida os semi-bixos, posteriormente moradores mais novos, moradores mais antigos, decano, e finalmente os ex-moradores. Os ex-moradores possuem voz ativa dentro de suas ex-moradias, “ (...) são considerados, pelos estudantes, como irmãos anciões sendo agraciados com inúmeras homenagens e recebidos com muita festa quando para lá retornam. Os irmãos anciões, por sua vez, valorizam os bons cuidados com a casa pelos seus “sucessores”, realizando muitas vezes contribuições financeiras para maiores investimentos no “patrimônio da família” (MORAES e MIRANDA: 2006: 6).

O ponto nodal desta organização é a ‘batalha de vagas’ que constitui uma seleção dos possíveis candidatos a fazer parte daquele grupo social. Nesta ‘batalha’, o candidato passa a ser denominado de ‘bixo’ e deve cumprir uma espécie de ‘estágio probatório’ no qual ocupará uma posição submissa e serviçal perante aos demais moradores. Esta etapa tem duração média de um a dois semestres. O significado da ‘batalha’ é descrito de formas diversas. O pretendente a morador, que geralmente são calouros, precisa conviver intensamente com os moradores através do contato diário, demonstrando que possui ‘habilidades’ e ‘honrabilidade’ suficientes para fazer parte do grupo pretendido. Para ‘batalhar’ uma vaga na república, o candidato também precisa da aceitação de todos os moradores da casa. O significante ‘batalha’ é especialmente valorizado

na organização deste grupo. Conquistar o status de morador em uma república simboliza a conclusão de um percurso de testes e provas, bem como os desafios que virão a se apresentar durante a vida adulta e profissional. É interessante notar que a batalha é descrita como uma espécie de ensaio para a vida do mercado de trabalho, como é evidente na fala de um republicano.

“Olha, viver em grupo nem sempre é fácil. Porém, ninguém vive sozinho, principalmente nesta fase da vida de estudante, de aprendizagem e de afirmação. Muitos estão saindo de casa pela primeira vez e irão gozar de muita liberdade em relação à vida que levava juntamente com os pais. Você terá de aprender a conviver verdadeiramente quando chegar ao mercado de trabalho, sendo a ‘república’ um grande laboratório para você. Há um ditado: você pode até escolher com quem você irá morar nos anos de faculdade, mas dificilmente escolherá seu parceiro de trabalho” (Dicas para se morar nas repúblicas de Ouro Preto, 2010).

Durante o período da batalha, o bixo é avaliado em inúmeras situações, desde sua relação com os moradores à sua dedicação com a casa e o cumprimento de suas obrigações, que se estendem à participação em sociais (festas que acontecem geralmente entre repúblicas femininas e masculinas, tendo como objetivo afirmar a amizade entre estas ou sendo apenas, pretexto para se conhecerem) e rocks (festas onde geralmente contrata-se bandas e reúne-se um maior número de pessoas com o objetivo de comemorar algo ou apenas sociabilizar).

A ritualização da batalha de vagas é necessária para o ingresso na vida republicana com sua nova identidade. Os laços sociais no grupo são construídos na semelhança de laços familiares. Todos aqueles aceitos no grupo são batizados com um novo nome, do qual será chamado durante todo seu percurso universitário. Os moradores são lembrados sempre com seu nome de batismo na república. O batismo permite a composição de uma ‘nova identidade’ e, como veremos de uma ‘nova família’. Podemos notar que seu nome como republicano evoca a ideia de uma ‘nova vida’, um novo espaço de sociabilização em que o sujeito vai ocupar entre seus semelhantes. Evidentemente, neste grupo o sujeito estará vinculado ao regimento interno da república que é elaborado pelos próprios moradores que estabelecem as normas de funcionamento da casa. A estrutura hierárquica de base familiar valoriza os indivíduos mais antigos. Todos aqueles que se tornam moradores da república tem sua foto exposta em um quadrinho na casa. Existem ainda, obrigações que propiciam a conservação dos ritos já existentes, assim, exige-se destes bixos, que aprendam hinos, rezas e o nome dos ex-moradores.

Em vistas de aprovação dos ex-moradores e de um estreitamento com as tradições da casa, os bixos devem aprender os “nomes de todos os “ex-alunos”, que estão representados nos famosos “quadrinhos” na parede de cada casa,

nesses “quadrinhos” estão todos os membros da república já formados.(...) É importante para o “bixo” uma boa relação ou “aprovação” de um “ex-aluno”, pois isso poderá ajudá-lo na permanência dentro da república (CARVALHO & BOAS, 2011:3).

A invocação deste grupo como família é constante nas falas dos republicanos: “é um laço para toda a vida”, “isto significa um porto seguro”, “cada um é responsável por todo mundo que está aqui”, “somos verdadeiros irmãos, isto aqui não é uma república é uma família”, “uma das coisas responsáveis de eu estar aqui hoje em Ouro Preto é a república, por que foi o que me acolheu e que me trouxe uma família mesmo, que na hora que eu precisei, tinha alguém ali ao meu lado conversando”. “Família é diferente família... os amigos da minha cidade! É diferente daqui, aqui é como se fossemos irmãos mesmo!”. “Vamos curtindo os prazeres da vida em família em uma nova família” (Depoimento Baruel, 2013 e Depoimento Antenor, 2010).

O compartilhamento de certas práticas contribui para alimentar e moldar características que as distingue e estimulam a identidade de grupo expressa através de símbolos tais como, nome, bandeira, placa, hino ou rezas que evocados constantemente e transmitidos de morador a morador favorecem a construção de um vocabulário próprio e expressam características relacionadas à “tradição oral, ritual, identidade e pertencimento” (BOMFIM: 2013:1). Cada república segue um regimento interno elaborado pelos próprios moradores que estabelecem as normas de funcionamento da casa como, por exemplo, punições e penas para o não cumprimento das regras de convivência. Nota-se nestes regimentos, a presença de um artigo que os deixa livres para adotarem, mediante Assembleia de Moradores, normas complementares que não estiverem contempladas no documento, incluindo, desta forma, uma excepcionalidade a regra comum.

### *O que está em jogo nesta fátia?*

A prática discursiva do grupo de moradores das repúblicas apresenta uma trama social que nos remete a formação da sociedade fraterna, partindo da premissa que a fraternidade se organiza em torno da Lei e funciona como o espaço ético para formação de laços sociais. Para psicanálise, o laço social se mantém a partir da tensão entre o sujeito (e a sua satisfação) e as exigências da renúncia pulsional em favor da civilização. Ao se renunciar ao poder do pai se estabelece o controle da rivalidade fraterna. A partir da leitura de Freud, no século XX, a sociedade fraterna foi entendida a partir da representação simbólica de uma Lei introjetada. No

caso do grupo de moradores da república, a marca identitária do grupo está presente em signos identificatórios, tal como nome da casa, bandeira, rezas daquele grupo. Destacamos, especialmente, o fato dos laços sociais no grupo serem construídos tomando como referência os laços familiares. Todos aqueles aceitos no grupo são batizados com um novo nome. Constitui-se, desta forma, uma nova organização social e uma nova forma de reconhecer o sujeito, deixando explícita a referência a um lugar de pertencimento e de uma suposta ‘irmandade’.

A formação do grupo com o modelo familiar se sustenta em dois princípios extremamente valorizados no discurso dos jovens moradores das repúblicas: a hierarquia e a tradição. Estes significantes organizam a estrutura da vida republicana. Nesta perspectiva seria uma forma de garantir a Lei na convivência entre os pares. No entanto, como podemos notar na estrutura da vida republicana, a fraternidade também pode servir a uma prática de exclusão, assim como o estabelecimento da regra não garante a inexistência dos pontos de exceção.

Os ideais de fraternidade foram associados a ideias de igualdade, fato que a sociedade fraterna tem como condição fundamental de convivência a semelhança na diferença. No entanto, nada garante que uma fratria não possa constituir grupos identitários que procurem restaurar a figura do real do pai, acima da Lei, contrariando a semelhança na diferença. Esta foi uma das preocupações de Freud, em “Psicologia das massas análise do eu” (1921), com relação às formações totalitárias como nas expressões dos fenômenos de massa. A ligação do grupo com o líder pode se realizar através da identificação por meio de um traço, que produz uma anulação das diferenças entre os membros de uma coletividade. Neste caso o objeto é colocado no lugar do ideal do eu, “um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego” (Freud, 1921:147). Embora, esta relação horizontal sinalize a ideia de que a própria construção de laços sociais pode funcionar como um regulador da violência originária, esta relação é marcada por ambivalência e rivalidade. Freud ressalta que poucas são as ocasiões que o indivíduo pode prescindir do vínculo com os outros e que este outro está sempre presente em sua vida psíquica “como modelo, como objeto, como auxiliar e como inimigo” (Freud, 1921:67).

Na batalha de vagas para pertencer ao grupo da república fica explícito, por exemplo, a dificuldade ou até a impossibilidade em acolher as minorias. Uma posição que reflete uma atitude de repulsa a tudo que se inscreva como diferença na ordem social. Desta forma, a

estrutura deste grupo favorece uma disposição segregatória em nome do narcisismo das pequenas diferenças. Kehl (2000) aponta para a possibilidade de uma forma de ‘cristalização das fratrias’ quando na tentativa de transforma-la de campo de experimentação em campo de produção de certezas, pode se produzir o efeito de segregação e intolerância. Neste caso, não seria incomum o fato de uma formação espontânea e informal na qual semelhantes se agrupam livremente para autorizar-se em seu desamparo e em sua diferença, produza-se uma gangue, uma seita um clã. “A segregação, a intolerância e endogamia são destinos previsíveis para as fratrias que, geradas a partir da diversidade e da mobilidade características das sociedades democráticas, podem se transformar em círculos fechados de proteção imaginária que contrariam justamente as condições de sua origem” (Kehl, 2000:45).

Quando as fratrias se constituem como vertente de seita ou clã, os laços sociais passam a não funcionar como reguladores da violência. Não estariam submetidos à regulação da função fraterna, mas remetem a contextos onde a Lei não é normatizada e se apresenta como ponto de exceção. Neste caso a Lei não está submetida à sua própria regulação, ela se corporifica como um ponto de exceção e aparece como despótica e caprichosa, submetendo todos a uma servidão voluntária (Agamben, 2004).

Por um lado, a estrutura das republicas baseada em premissas como a hierarquia e a tradição poderiam ser a expressão de um contraponto em relação à nova configuração social na atualidade quando identificamos a formação de laços sociais mais fluidos e instáveis. Por outro lado, a vida republicana se relaciona a formas de subjetivação marcadas por uma prática violenta - presente, por exemplo, nos critérios da escolha de um morador, no ‘aprendizado’ dos bixos, nos trotes, na identificação da convivência em republica como um ensaio para enfrentar o mundo do trabalho - que também poderia ser compreendida como uma expressão da própria reorganização a vida social.

### *À guisa de conclusão*

Identificamos no discurso dos jovens moradores de republicas um apelo por criar sustentações, aportes estruturais do laço social e, sobretudo, processos de subjetivação fortemente marcados por uma experiência de violência. As formações de laços sociais neste grupo sinalizam uma modalidade de fraternidade, produzida na atualidade, que implica em uma

submissão do sujeito que traduzem a condição de desamparo do sujeito. Compreendemos que seja fundamental a busca por novas modalidades de fraternidade que apontem saídas para o mal estar e para desconstrução da figura da servidão voluntária.

#### *Referencias bibliográficas:*

- AGAMBEN, G. (2000). *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOMFIM, L. C. *A ritualização nas Repúblicas Federais de Ouro Preto, IX Encontro Internacional de Música e Mídia, ECA/USP2013*. Disponível em: [http://musimid.mus.br/9encontro/wp-content/uploads/2013/11/9musimid\\_bomfim.pdf](http://musimid.mus.br/9encontro/wp-content/uploads/2013/11/9musimid_bomfim.pdf). Último acesso:13/07/2014
- BIRMAN, J. *O Sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Cadernos sobre o mal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- \_\_\_\_\_. “Insuficientes, um esforço a mais para sermos irmãos!”. In: (orgs) *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- CARVALHO, R. G. A.; BOAS, C.T.V. *Um olhar etnográfico sobre as Repúblicas Federais de Ouro Preto*. XX Congresso de Iniciação Científica; III Mostra Científica UFPEL, 2011.
- COSTA, J. F. *Vestígio e a aura*, Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. “Totem e tabu” (1913), vol.XIII.
- \_\_\_\_\_. “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921), vol.XVIII.
- KEHL, M.R. “A juventude como sintoma da cultura”. In: NOVAES R. & VANNUCHI, P. (orgs) *Juventude e Sociedade*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2011.
- \_\_\_\_\_. “A fratria órfã”. In: KEHL, M.R.(orgs) *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- MORAES, C.C.A. & MIRANDA, B.P. *Repúblicas Estudantis: a tradição como potencialidade turística em Ouro Preto*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.
- SENNETT, R. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- VANNUCHI, P. (orgs) *Juventude e Sociedade*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2011.

#### *Áudio Visual*

- DEPOIMENTO ANTENOR Rodrigues Barbosa Habitar Habitat. Publicado por [otaviomachado3e2010](#) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z7Q5-VPcp0s>. Último acesso:13/07/2014.
- DEPOIMENTO BARUEL morador da República Nau sem Rumo]. República Nau Sem Rumo Habitar Habitat. [Vídeo documental]. Publicado po [otaviomachado3e2010](#) em 11out2013. 6’25”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JAwuFIRF6QY>. Último acesso:13/07/2014.
- DICAS PARA SE MORAR NAS REPÚBLICAS DE OURO PRETO. Disponível: [http://www.republicasdeouropreto.hpg.ig.com.br/paginas/dicas\\_para\\_morar.htm](http://www.republicasdeouropreto.hpg.ig.com.br/paginas/dicas_para_morar.htm). Último acesso: 30/07/2014.